

## CRÔNICA

Dante Accioly • E-mail: danteaccioly@gmail.com



# Atendendo a pedidos

**N**unca vi o Bino tão sem graça em cima de um palco. O garçom da boate trouxe o guardanapo com o pedido de uma música e deixou o papelzinho enganchado no pedestal do microfone. Bino leu o recado, coçou a cabeça e fez uma careta esquisita. Quase não reconheci. O Bino é meu ídolo. Sempre foi.

Crescemos juntos na mesma rua, estudamos na mesma escola e aprendemos a tocar violão na mesma época. Começamos nossa “carreira artística” na Igreja da Glória, em Fortaleza. Todo domingo à tarde, a gente saía de casa a pé, com os instrumentos nas costas, para animar a missa dos jovens. Tempo bom.

Mas o Felisbino, que testa esse nome de batismo, queria mais. Não bastava que o talento dele fosse reconhecido pelo vigário. Também não bastavam os amassos com as paroquianas mais assanhadas nos fundos da igreja. O Bino queria era o sucesso. Não aceitava ser menos do que um Márcio Greyck.

Num daqueles domingos adolescentes, passei na casa dele para irmos juntos à missa. Mas meu amigo não estava mais lá. — Foi embora para Brasília. É essa besteira de querer ser artista — disse

a avó. Demorou um tempo, e vim atrás dele. Quando desembarquei na antiga Rodoferroviária, o Bino foi me receber. Tinha cara de gente grande, barba e bigode. Trejeitos de artista, rabo de cavalo e brinco na orelha.

Ele havia comprado um Voyage bege de segunda mão e morava de aluguel nos fundos do terreno de uma tia. — Tudo o que eu tenho foi a música que me deu — dizia orgulhoso. E era para se orgulhar mesmo. Ele tocava um violão honesto. Cantava que nem o Fábio Junior. Dominava um repertório eclético: samba, MPB, rock, sertanejo e Balão Mágico.

O Bino preferia músicas em português. Mas, se o cliente pedisse, ele engatava um Elton John ou um Cat Stevens para ninguém botar defeito. — A gente tem que tocar de tudo, amigão. Olha essa que eu aprendi ontem... Eu passei a acompanhar o Bino para

todo lado. De Ceilândia à Planaltina. De Sobradinho a Santa Maria. Onde tinha bar ou restaurante, ou festa ou quermesse, ou bingo ou circo, para tocar, lá estava o Voyage bege. O Bino dirigindo, eu de passageiro e os violões deitados no banco de trás.

Meu amigo é um craque, especialista em decifrar pedido de cliente. Uma vez, numa festa de casamento no Paranoá, o pai da noiva mandou um papelzinho escrito “Honda”. Fiquei perdido. Pensei que tinha a ver com motocicleta. Será que é “Vital e sua moto”, dos Paralamas? Ou “Sobe em minha

moto”, dos Menudos? Mas o Bino... Ah... O Bino nem titubeou. Dedilhou um lá maior e emocionou o contratante: — “De noite, eu rondo a cidade a te procurar sem encontrar...” Era “Ronda”, da Maria Bethânia.

Foi por isso que estranhei quando meu amigo fez careta para o guardanapo naquela noite da boate. O bom e velho Bino, que sempre tirava tudo de letra sem pestanejar, parecia em apuros. Ele amassou o papelzinho, jogou dentro da boca do violão e deu o show por encerrado. Foi só o Bino descer do palco, e o cliente encostou nele para reclamar.

— Moço... Paguei o couvert artístico, e você não tocou meu pedido? — Ô, amigão. Desculpe. Mas não conheço a música. — Claro que conhece! É aquela antiga do Djavan! O Bino emborcou o violão, sacudiu, sacudiu e resgatou o guardanapo amassado lá de dentro. — “Amarelo deserto”. Nunca ouvi falar. Mas cante um pedacinho dela aí para ver se eu lembro... E o cliente mandou esta pérola: — “Amarelo deserto e seus temores, vida que vai na sela dessas dores...” O Bino deixou escapar um sorriso. — “Amarelo deserto”... Essa é nova... Mas vou aprender.

